

RELAÇÃO ENTRE ESTUDANTES NO ESPAÇO PRIVADO E PÚBLICO NA PANDEMIA: REFLEXÕES A PARTIR DO GILBERTO VELHO¹

Mamadú Cissé, UNILAB/BAHIA | PDMIG – África do Coração/SÃO PAULO

Resumo: A concepção de que o ser humano é interdependente, logo, não consegue se reproduzir social e culturalmente caso seja isolado do restante do seu entorno social tem sido um dos postulados em torno do qual se reúne um amplo consenso dentro das Ciências Sociais de forma geral. Não obstante, se esta afirmação possui argumentos que o torna justificável *per se* – teórica e empiricamente – também não deixa de ser verdade que a referida convivência inter-humana é permanentemente pautada por conflitos, cedências, convenções e outras formas de viabilizar uma mediação com máxima viabilidade possível dessas relações sociais. É a partir destes pressupostos que o presente trabalho² reflete acerca das tensões entre as esferas privada e pública durante a pandemia da Covid-19. Para o efeito, utilizei a base teórica dos estudos da Antropologia Urbana e também me servi de dados coletados a partir da aplicação de entrevistas online com estudantes do ensino superior em nível de graduação na UNILAB – Campus dos Malês, localizado na Bahia, Brasil. Em termos dos elementos constatados e meus achados, na sessão das considerações finais, aponta-se que as situações ou potenciais contextos de conflito têm sido mediadas e apaziguadas por estratégias definidas e ou em definição durante a convivência cotidiana entre os estudantes que integram o público selecionado para a entrevista.

Palavras-Chave: Antropologia Urbana. Convivência em Espaço Público e Privado. Mediação em Gilberto Velho.

RELATION BETWEEN STUDENTS IN THE PRIVATE AND PUBLIC SPHERE IN THE PANDEMIC: REFLECTIONS FROM GILBERTO VELHO

Abstract: The conception that human beings are interdependent, thus unable to reproduce themselves socially and culturally if they are isolated from the rest of their social surroundings has been one of the postulates around which a broad consensus is gathered within the Social Sciences in general. However, if this statement has arguments that make it justifiable - theoretically and empirically - it is also true that this inter-human coexistence is permanently marked by conflicts, concessions, conventions, and other ways of making social relations viable. It is based on these assumptions that this essay seeks to reflect on the tensions between public and private space during the Covid-19 pandemic. For this purpose, we used the theoretical basis of Urban Anthropology and also made use of data collected from the application of interviews, pointing out that the possibilities of conflicts have been mediated by strategies defined by the interviewed public.

Keywords: Coexistence in Public and Private Sphere. Mediation in Gilberto Velho. Urban Anthropology.

¹ Trabalho apresentado no GT01 – “A universidade como local da alteridade” – da 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² A primeira versão deste trabalho surgiu como ensaio acadêmico apresentado como requisito avaliativo do curso “Antropologia na cidade: a obra de Gilberto Velho” vinculado à Graduação em Ciências Sociais na Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/Escola de Ciências Sociais). Para sua elaboração, contei com contribuições, críticas, debates e pertinentes orientações dos docentes Celso Castro e Sílvia Monnerat.

INTRODUÇÃO

A partir de uma leitura dos postulados canônicos e também à luz de uma bibliografia consagrada e corroborada por diversos pensadores – desde Aristóteles a Marx e Engels, passando essencialmente pelo campo da sociologia – o ser humano sempre foi visto como um ser socializante, inclusive a falta desta sociabilidade ou isolamento teria possibilidade de lhe ser nociva em vários aspectos. Neste sentido, as instituições sociais, a exemplo da família, enquanto reprodutoras de sistemas por onde se constroem as dinâmicas de interações sociais, também assumem este viés de proporcionar congregação entre os indivíduos. Propor uma leitura mais complexa com relação a estes postulados quase dogmatizados no entendimento que pauta o ideário social constitui uma das justificativas do presente artigo.

No entanto, os sistemas e instituições sociais são densos e profundamente complexos até mais do que mencionamos acima e elas, na verdade, só funcionam por conta do conteúdo e das dinâmicas proporcionadas pelas pessoas ali inseridas, produzindo interações, criando convenções e pontos em comum que viabilizem estas convivências que podem ser amistosas ou hostis, dependendo do quão bem sucedidos forem os processos de mediação.

Ao falar desta categoria, entende-se a “mediação” como exercício de percepção de realidades e formas de olhar para as situações sociais que certas pessoas ou atores envolvidos em um dado contexto de interação social possuem (VELHO, 2013d)³. Com efeito, para operacionalizar este exercício, a flexibilidade, o repertório e maleabilidade cultural podem ser relevantes, permitindo ao sujeito mediador uma margem de interlocução/mediação mais propensa ao sucesso, conseguindo transitar entre pessoas de diferentes referenciais de socialização.

Num contexto domiciliar, a construção de uma possível coexistência ou não depende muito do acordo que se alcança na delimitação das esferas do que é público/partilhável e privado/pessoal. Ou seja, entre espaços tidos como passíveis de compartilhamento e outros que são concebidos como estritamente reservados para a subjetividade dos indivíduos. No mais desejável das situações, os agentes em interação esperam que seus espaços e suas formas individuais de ser sejam respeitados ou que esses

³ Durante o trabalho, recorreremos ao acréscimo de letras minúsculas (a, b, c, d etc.) para distinguir diferentes trabalhos do Gilberto Velho publicados numa única coletânea em 2013. Embora tenhamos usado preferencialmente esta coletânea de ensaios, vale também notar que a data de publicação dos originais é variada e anterior à 2013.

traços de personalidade recebam simpatia de seus interlocutores.

De modo aparentemente indesejável, o contexto pandêmico que aflige todas as sociedades moderno-contemporâneas parece propiciar a diminuição dos limítrofes entre o público e privado, mudando percepções dos domínios que eram partilhados com outros e redefinindo fronteiras do íntimo e subjetivo das pessoas. Este cenário aumenta a demanda pela necessidade de mediação entre pessoas que partilham o mesmo espaço domésticos, podendo resultar em sucessos, fracassos ou até mesmo na supressão do diálogo/mediação como foi extensivamente discutido pelo Velho (2013d) ao debruçar sobre “Biografias, trajetórias e mediações”.

A partir destas considerações, surge a proposta do presente artigo cujos intentos se inserem na necessidade de uma revisitação da contribuição gilbertiana (relativo à herança teórica do Gilberto Velho) no âmbito dos estudos urbanos e aspectos dos “imponderáveis da vida real”, de uma forma geral. Especificamente, o artigo visa debater as linhas ténues que demarcam fronteira entre as esferas pública e privada e as oscilações concernentes ao âmbito familiar no contexto atual. Sem, no entanto, buscar o estabelecimento de uma dicotomia entre essas duas dimensões; antes disso, nosso esforço é voltado à constatação de como esses espaços se consubstanciam: através da coleta e leitura dos anseios manifestados pelos sujeitos pesquisados.

Assim, supõe-se que a separação do público e íntimo ficou mais tensionada no âmbito das convivências domésticas na pandemia, uma vez que já não existe a mediação proporcionada pela alternância entre os momentos do dia passados fora e dentro dos lares. Dito de outro modo, a partir do momento que as convivências foram estritamente confinadas ao espaço caseiro, as pessoas perderam o ambiente externo enquanto “válvula de escape” das tensões do lar, algo que pode aumentar a percepção dos conflitos domésticos. Neste contexto, o doméstico é entendido enquanto espaço delimitado dentro dos lares e também pelas relações ali contrastadas.

Para dar conta de atender os objetivos e também explicitar os caminhos seguidos para realização desta pesquisa, parto de leituras expostas acima cujas bases são observações preliminares resultantes de reflexões e leituras com base na teoria e na própria realidade social em análise. Embora este exercício sempre fora desenvolvido num esforço de afastar as convicções pré-formuladas, sendo estes elementos necessários para

um exercício de estranhamento da própria realidade requerido ao pesquisador⁴. Importa pontuar que as lentes com as quais observamos o mundo são forjadas e perpassadas pelas experiências quotidianas que sempre deixam resquícios em nossas formas de fazer essas leituras. Algo que, se for bem manejado, acaba se tornando num trunfo para quem se propôs a ler um dado aspecto da vida social.

O recorte metodológico do presente trabalho é constituído por um público estudantil da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) distribuídos por integrantes de dez (10) agregados familiares moradores dos bairros da Baixa-Fria e Centro, ambos no município de São Francisco de Conde, parte da região metropolitana de Salvador, Bahia.

Ao público inserido neste recorte, aplicou-se um formulário online criado em reflexões a partir de categorias analíticas pertinentes à realidade pesquisada, sendo na sua maioria indicadas pelo debate teórico embasado na revisão da bibliografia do Gilberto Velho, adicionando algumas pesquisas bibliográficas que também serão orientadas pelos debates circunscritos ao campo da Antropologia Urbana. Cumpre ainda pontuar que os conceitos foram contextualizados pelo entrevistador e em seguida apresentados aos estudantes/sujeitos pesquisados, privilegiando a adoção de linguagem que facilitasse entendimentos comuns das categorias de análise adotadas pelo coletor desses dados e os respondentes da pesquisa.

Durante a operacionalização do processo que visava a reunião das informações, não podemos deixar de referir que uma conversa presencial possibilitaria uma melhor aferição do estado emocional marcado por incertezas e inquietações que o cenário pandêmico nos colocou enquanto sociedade. Talvez as respostas seriam diferentes se a pesquisa fosse desenvolvida em outro momento, podemos até considerar que as dinâmicas que estas pessoas vivem em suas casas era radicalmente diferente da que existe hoje, como demonstram alguns relatos.

Apesar destas volatilidades e dificuldades que podem ter impacto nos posicionamentos manifestados – sendo que um dos nossos objetivos é também sublinhar estas mudanças entre o que era e o que está sendo a convivência destas pessoas em tempos de isolamento social – a opção metodológica de utilizar um suporte virtual para recolha de depoimentos também foi condicionada pelo contexto da saúde pública e, para os

⁴ Para se aprofundar nas discussões sobre a construção do conhecimento e ferramentas para uma pesquisa científica ética, rigorosa e acurada, ver as contribuições do Gilberto Velho em *Utopia Urbana* (1989) e *Observando Familiar* (2013a).

nossos propósitos, ela nos parece atender aos requisitos minimamente necessários para viabilizar a reflexão de um momento particular em um grupo social particular.

É na intenção de captar estas dinâmicas e proporcionar-lhes leituras pertinentes que se basearam as reflexões ora apresentadas e as escolhas metodológicas aplicadas ao artigo. Para seu desenvolvimento, realiza-se em sequência: a). o estabelecimento de alguns aportes teóricos seguidos de b). um olhar sobre os dados produzidos pelo questionário e finalizando com c). as considerações finais.

APORTES TEÓRICOS

Para operacionalizar estas discussões, serve-se de aportes teóricos essencialmente oriundos da bibliografia gilbertiana e autores correlatos. Para o caso do grupo desses estudantes que partilham as mesmas moradias, o questionário buscará a percepção dos mesmos sobre a forma que definem seus laços de convivência, se chega a ser de familiaridade ou não e de que forma gerenciam seus processos de mediação. Neste aspecto, as contribuições do Strauss (1999) e Sarti (2004) são pertinentes uma vez que ambos debruçaram sobre “intermundos”, “intramundos” e ações coercitivas geradas nos campos de possibilidades que surgem no processo de mediação das relações decorrentes do seio familiar enquanto uma instituição social influente na conformação das pessoas.

Retomando a herança do Gilberto Velho, a categoria do “familiar” pode apresentar duas leituras possíveis à primeira vista, o familiar relativo à afetividade e que diz respeito às relações interpessoais estabelecidas entre pessoas de um mesmo círculo de convivências e o familiar relacionado a algo aparentemente conhecido e que diz respeito à uma realidade com a qual temos contato ou as dinâmicas sociais que julgamos conhecer. Para Velho (2013a), importa manter o devido distanciamento ao olharmos para contextos sociais que a primeira vista possam parecer familiar, é justamente por conta dessa necessidade de um afastamento e/ou estranhamento que o familiar pode e deve ser questionado. Este é o exercício que também se propõe aqui.

Para este efeito, certas categorias analíticas foram utilizadas desde as primeiras etapas da construção do artigo até as discussões finais, passando pela montagem do questionário que subsidiou a coleta de dados. Dentre eles se destacam a “mediação”, “subjetividade”, “campo de possibilidades”, “estratégias” aplicadas pelos indivíduos para manutenção ou não de suas redes de convivência doméstica, processos nos quais a formação individual, “trajetória” e *background* de cada um pode ser relevante. (Velho, 2013c).

Também, cumpre não perder de vista o papel que o olhar, a ação e interação do “outro” exercem na construção das atitudes dos sujeitos individuais, visto que a concretização dos “projetos” e intentos individuais é viabilizada ou não pela mediação que se estabelece com esse “outro”. Ou seja, ao adotarem posturas pautadas pelo viés amistoso ou hostil com relação a seus interlocutores, as pessoas são influenciadas pelas negociações e ações coletivas efetuadas nas dinâmicas envolvidas nas relações do cotidiano – *“doing things together”* – como o próprio Velho (2002) aponta ao debater as contribuições do Becker e Goffman para a Antropologia no Brasil.

Refletindo mais atentamente sobre os sujeitos interlocutores da pesquisa, é interessante tomar – provisoriamente – esta concepção da alteridade e/ou tomada de uma consciência da responsabilidade coletiva para gestão do espaço partilhado enquanto variável possivelmente levada em consideração quando os indivíduos pensam suas possibilidades de coexistência. Posteriormente, talvez surjam explicações de até que ponto ela consegue mediar positivamente, ou até mitigar, as possíveis tensões.

Não menos relevante, vale mencionar um questionamento ao próprio olhar do pesquisador que está sendo construído em todo este cenário, talvez esta reflexão encontre sua melhor expressão na seguinte pergunta: “como estranhar uma realidade da qual também faço parte?”

Mais uma vez, a herança teórica gilbertiana demonstra ser capaz de fornecer subsídios suficientes para dialogar com esta interpelação, uma vez que suas etnografias estão repletas de exemplos do ténue e constante equilíbrio entre distanciamentos e aproximações requeridos numa análise socio-antropológica. O contexto do presente trabalho também proporciona alguma vantagem ao pesquisador, uma vez que possuir alguma mobilidade entre o universo que está sendo investigado contribuiu na construção de uma relação de confiança entre as partes.

Outrossim, o trabalho do antropólogo pressupõe um constante exercício de questionar o que lhe é familiar, relativizando os postulados como forma de evitar leituras preconceituosas ou cristalizadas em forma de dogmas sobre uma dada realidade (Velho, 2013b). O legado de uma prática permanente de estranhamento e questionamento epistemológico construído pelo Gilberto Velho é outra justificativa que sustenta a pertinência de uma releitura de sua obra com lentes da atualidade. E isto constitui, em parte, o que se pretende levar a cabo com este artigo.

DADOS PRODUZIDOS E AS LEITURAS POSSÍVEIS

A reunião das informações foi desenvolvida através do suporte em questionário acompanhado de um texto com objetivo de apresentar e contextualizar as propostas e finalidades da pesquisa, por Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e também por nove (09) questões distribuídas em duas (02) seções elaboradas através da plataforma *google formulário*. O questionário foi aplicado à dez (10) estudantes da UNILAB, sendo repartidos proporcionalmente em termos de sexo: 50% para feminino e de igual modo para masculino.

Os principais fatores de inclusão se basearam em encontrar acadêmicos afetos à instituição-objeto de estudo que – para além das atividades estudantis – também lidam de alguma forma com os espaços públicos, sejam eles em locais de estágio, de trabalho ou até da representação discente.

Na sua totalidade, o conjunto dos sujeitos pesquisados são moradores do município sede da UNILAB, sendo seis (06) desses estudantes de nacionalidade guineense, duas (02) brasileiras, com Cabo-Verde e Angola a contarem com um (01) respondente cada. Em termos das áreas de estudo, 50% dos entrevistados reportaram ser estudantes das Ciências Sociais, cinco (05) no total, sendo que os cursos das Relações Internacionais e Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades foram representados por dois (02) discentes cada e uma das entrevistadas está se licenciando em Pedagogia.

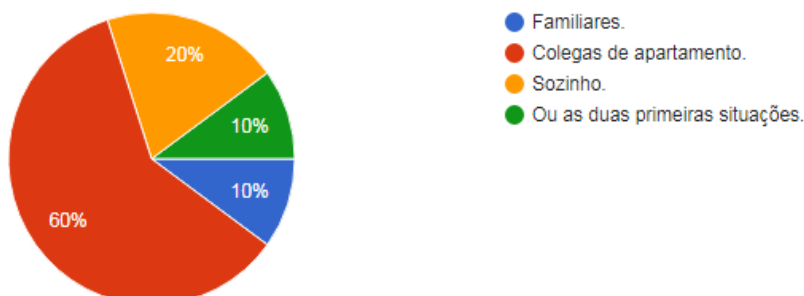
Além dos estudos universitários, todo esse público entrevistado possui algum tipo de atividade que requer contato com a esfera pública, seja dentro da própria universidade ou fora dela. Cumpre mencionar que analisar-se-á o quanto essas ocupações e atividades estão redefinindo o cotidiano desses estudantes no cenário pandêmico.

Entrando mais a fundo em categorias que nos importa analisar, a composição habitacional (ver figura 1) nos revelou que a maioria (70%) dos estudantes inquiridos durante o questionário moram em apartamentos compartilhados, dividindo espaços e custos com os demais colegas da universidade. Ao passo que dentre os restantes 30%, dois (02) dizem morarem sozinhos, sendo que uma única estudante reporta morar com familiares. Mais adiante voltaremos a esses dados para observar se o fato de morar sozinho, com colegas e/ou familiares produz diferenças relevantes nas dinâmicas do cotidiano doméstico no que diz respeito às fronteiras do público e privado.

FIGURA 1. GRÁFICO CIRCULAR RETRATANDO A COMPOSIÇÃO DAS MORADIAS DOS SUJEITOS PESQUISADOS.

5. Você está passando quarentena com:

10 respostas



Fonte: Autoria própria: reprodução a partir do google formulário.

Na segunda e última seção do questionário, concentraram-se perguntas relacionadas ao cotidiano dos sujeitos pesquisados, aos quais daremos destaques nos próximos parágrafos.

Para a pergunta sobre *mudanças percebidas na convivência doméstica durante a pandemia*, tivemos dois grandes grupos de respostas. No primeiro deles, houve menção a fatos como a possibilidade de mais tempo para ficar em casa e junto dos colegas e/ou familiares, e segundo os depoimentos esse fato criou um aumento da proximidade entre os membros do núcleo familiar, gerando mais empatia, solidariedade e boa convivência no lar. Para um dos entrevistados, a pandemia *“não mudou negativamente meu modo de relacionar com pessoas que moram comigo, tudo está como antes, a única mudança é o mais tempo de estarmos juntos.”* Embora algum ou outro estudante tenha reportado que esse contexto chegou a criar sensação de solidão, preocupação e ansiedade, tudo isso somado à necessidade de cada vez agir com maior paciência, compreensão e cedências mútuas no cotidiano acabou agravando ainda mais os impactos da pandemia em suas rotinas.

Por outro lado, teve um segundo agregado de apontamentos que mencionaram a solidão e outras dificuldades de nível psicológico, em conciliar rotinas, preocupações de ordem financeira, subida dos custos de aluguel e outras despesas. Neste grupo, ainda foram levantados problemas de comodidade no ambiente doméstico, segundo um dos respondentes da pesquisa, *“sim, [a pandemia e conseqüente isolamento social] afetou um pouco negativamente, senti falta de espaço, porque sempre a casa estava cheia, ninguém podia sair”*. Essa leitura transmite a noção de que a restrição da comodidade mencionada anteriormente não é só do ponto de vista psicológico, com o aumento do estresse, mas

também as novas configurações do ambiente caseiro englobaram a dimensão espacial, a readequação e reajuste dessas convenções.

Por seu turno, quando questionados acerca das *estratégias ou novos comportamentos para fazerem face à essas transformações*, uma minoria dos depoimentos aponta para pouca ou nenhuma alteração, sendo que seis (06) deles disseram ter aumentado suas preocupações com a responsabilidade coletiva, preocupação com bem-estar comunitário, valorização dos relacionamentos com familiares e/ou colegas de apartamento, buscando contribuir na redução dos níveis de propagação da Covid-19. Tendo alguns estudantes, inclusive, adotado comportamentos de autocuidado, busca por bem-estar e saúde mental perante o novo contexto que passou a envolver estudar e trabalhar a partir de casa. A Nelvina⁵, uma das entrevistadas, salienta que tem tomado *“todas [as medidas] possíveis, visto que, minha namorada é do grupo de risco, desse modo, ficamos isoladas em casa e fazendo tudo que dá para ficarmos protegidas”*.

Por fim, fez-se uma última pergunta que visava gerar percepções sobre *como ficaram as relações com membros da família, no trabalho ou até no bairro?* Deste questionamento surgiram depoimentos que remetem para autoproteção, precaução, afetividade e uma maior preocupação com o bem-estar geral.

Haja vista a recorrência de termos que transmitam entendimentos como a necessidade de prevenção, cumprir as normas de distanciamento, saudades das aulas presenciais e convivências com colegas e/ou familiares, adoção de ações coletivas para proteger a segurança e saúde pública enquanto bem cuja responsabilidade da proteção é partilhada.

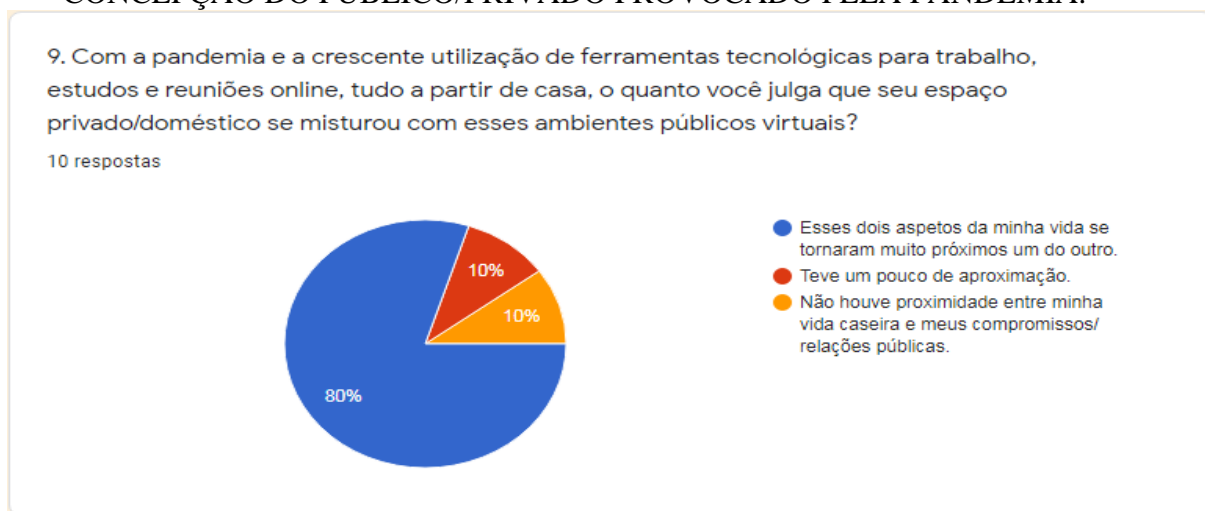
No caso da transposição das aulas para o modelo online, houve relatos de uma sensação de aumento de solidariedade e recomendações do cuidado entre amigos e colegas de curso. Os sujeitos pesquisados também mencionaram o espírito de equipe no trabalho e na faculdade – segundo depoimentos – este fato ficou mais perceptível e necessário agora do que antes da pandemia. Isto apareceu pontuado na fala de um dos participantes da pesquisa:

Realmente, com esta pandemia aconteceu muitas diferenças em relação ao período normal das aulas em relação aos meus colegas da faculdade, neste momento difícil parece que tudo mundo se preocupa com o outro, recebo muitas chamadas de conselhos de cuidados, encorajamentos e muito mais... Que dantes não acontecia.

⁵ Nome fictício.

Cumprir mencionar que também existiu quem tenha reportado relutância em trocar os hábitos e se adequar às mudanças que o atual contexto impõe. Contudo, isso constitui uma ínfima minoria entre o universo pesquisado e advém da forma que cada um dos entrevistados tentou lidar com mudanças tão drásticas impostas pela emergência da saúde pública. Como reproduzido abaixo (figura 2), vê-se que a maioria dos inquiridos reportou ter feito/apercebido interferência de sua vida pública nos aspectos domésticos e/ou vice-versa.

FIGURA 2. GRÁFICO CIRCULAR RETRATANDO AS MUDANÇAS NA CONCEPÇÃO DO PÚBLICO/PRIVADO PROVOCADO PELA PANDEMIA.



Fonte: Autoria própria: reprodução a partir do google formulário.

Perante os achados aqui reportados, o gráfico acima apresenta um resumo da percepção que os inquiridos expressaram no questionário. Não obstante as opiniões bastante diversificadas, houve uma percepção compartilhada pela maioria dos participantes, nomeadamente no tocante à restrição do espaço privado por conta de uma esfera pública que cada vez mais tem feito parte de quase todos os aspectos do cotidiano.

Observando em detalhe, salta à vista o caso de uma das entrevistadas que reportou poucas ou nenhuma mudança na sua forma de gerir os espaços caseiros e suas relações públicas, essa resposta não deixa de ser curiosa e causadora de um certo estranhamento, uma vez que ela partilha a casa e tem responsabilidades numa organização estudantil.

Em um primeiro olhar, a dimensão de gênero pode nos fazer corroborar a leitura generalizada de que perfis desse tipo são as mais afetadas pela pandemia, não só pelos encargos domésticos, mas também pelos compromissos acadêmicos e de outras atividades laborais. O que não deixa de ser verdade segundo algumas observações e

estudos já feitos durante a pandemia⁶. Contudo, este caso mostra algumas particularidades e talvez o modelo de partilha das responsabilidades em atividades domésticas adotada pelos estudantes entrevistados explique, em parte, esta resposta dela. Uma vez que isso envolve aspectos de negociação e mediação que visam inibir possíveis sobrecargas de atribuições para um único membro do agregado familiar ou colegas de apartamento.

Retomando as inquietações mencionadas anteriormente, importa citar que embora haja uma clara transformação nas rotinas de estudos, trabalho, estágio e outras atividades, os respondentes do questionário demonstraram possuir ferramentas de mediação que na maioria dos casos têm garantido entendimentos em vez de hostilidades. Olhando para as respostas coletadas, os inquiridos passaram o entendimento de que cedências mútuas em diferentes situações, partilha de responsabilidades e encargos com relação às atividades domésticas e da gestão financeira do lar possam servir de mecanismos e estratégias de mediação.

A estes elementos, podem-se somar o fato de serem todos estudantes que geralmente partilham moradias com colegas de mesma nacionalidade; fato que cria aproximações e identificação entre elementos comuns em suas “trajetórias” e “projetos”. Numa outra leitura, essa noção de partilhar certos códigos, de servirem de redes de apoio para um e outro, em alguma medida podem ser categorias que possuem capacidade de gerar visões convergentes dentro do “mundo social” na qual estão inseridos e partilham.

Por outro lado, cumpre retomar um ponto relevante sobre os nossos achados, nomeadamente com relação ao fato de viverem com familiares e/ou colegas de faculdade não deve ser lido como elemento que faça com que as negociações no cotidiano familiar possam fluir de forma mais ou menos amistosa. Na verdade, a partilha de certos códigos e valores e por estarem inseridos num mesmo contexto/mundo social facilita o fluxo dessas interações. Colocado de outra forma, partilhar moradia com familiar ou amigo não é garantia de uma convivência amigável, mas sim é a capacidade de criação, mediação e manutenção de alianças entre trajetórias e projetos que garante esse entendimento no espaço domiciliar.

⁶ Para mais detalhes sobre o impacto das desigualdades de gênero e raça no mundo acadêmico durante a pandemia, ver o levantamento feito pelo *Parent in Science/UFRGS*; na qual é possível encontrar outros elementos que – por não constituírem nosso foco principal – não foram destacados aqui, mas que podem expandir as considerações trazidas no artigo. Disponível em: <<https://bit.ly/3kJukMD>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento do artigo, buscamos trazer discussões em torno do contexto pandêmico que aflige praticamente toda a humanidade e o grupo alvo deste trabalho não constitui uma realidade diferente disso. Com foco na rotina dos estudantes da UNILAB, as exposições partiram da hipótese de uma possível mudança nas dinâmicas que conformam as relações do cotidiano desse público, focando nas linhas tênues que, supostamente, separariam os aspectos da vida pública e privada durante a pandemia.

Para atingir estes objetivos, servimo-nos do legado teórico do Gilberto Velho no processo da operacionalização do referencial teórico e até na própria construção das categorias que guiaram a elaboração do formulário online que serviu de ferramenta para coleta de dados junto do público selecionado. Para além da aplicação dos escritos gilbertianos no campo dos estudos da Antropologia Urbana, utilizamos outras bibliografias e contribuições oriundas de teóricos que se propõem a estudar o “familiar” e os aspectos do cotidiano que movem as dinâmicas das sociedades modernas, contemporâneas e complexas.

Em termos dos achados, os retornos do público pesquisado apontam no sentido da construção de estratégias de interação e mediação dentro de um delimitado “campo de possibilidades” que comporta um certo sentido de partilha de reponsabilidades coletivas e também inclui mecanismos de solidariedade entre esses estudantes. Quase totalidade dos inqueridos partilha casa com amigos, colegas de faculdade, familiares etc. onde as tendências encontradas na pesquisa confirmaram a hipótese inicial de que durante o atual contexto da pandemia da Covid-19, houve reformulações no entendimento do conceito dos espaços domésticos públicos e privados e a forma que eles se autorregulam.

No tocante às contribuições, o artigo responde a anseios voltados para a necessidade de coleta, registro, sistematização e discussão das experiências que as dinâmicas sociais têm vivido no contexto da pandemia da Covid-19. Em adição, espera-se que os resultados expostos na presente pesquisa possam servir de embasamento e subsídios para encaminhamento de futuras investigações sobre o impacto do cenário pandêmico na vida estudantil.

Se é verdade que as agendas de pesquisa sobre o universo familiar e as suas conexões com a esfera pública são bastante consolidadas em termos de bibliografia e tradição teórica no campo da Antropologia Urbana. Ainda assim, essa constatação não anula o fato de que o contexto e o público alvo específico aqui abordados ainda carecem de mais pesquisas nesse enfoque. Não exclusivamente para avançar nos debates e

dimensões que não foram explorados com muita especificidade no recorte que propomos analisar, como também para conferir continuidade e profundidade aos tópicos por nós mobilizados. Isto tanto em número de amostra da população ainda maior, quanto em termos de categorias em observação. Dito de outra forma, esperamos – com as discussões levantadas neste artigo – poder despertar interesse para mais trabalhos que ampliem estas discussões, fechando possíveis lacunas e criando avanços dentro desta agenda de pesquisa.

BIBLIOGRAFIAS UTILIZADAS

SARTI, Cynthia Andersen. 2004. *A família como ordem simbólica*. Revista PSICOLOGIA USP, vol. 15 (3): 11-28. Disponível em: <<https://bit.ly/2HojMEH>>. Acesso em: 16 set. 2020.

STRAUSS. Anselm Leonard. 1999. *Espelho e máscaras: a busca de identidade*. São Paulo: Edusp. Disponível em: <bit.ly/3344ayz>. Acesso em: 19 set. 2020.

VELHO, Gilberto. 1989. *A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 5º edição.

_____. 2002. *Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil*. ILHA – REVISTA DE ANTROPOLOGIA, vol. 4 (1): 5-16.

_____. 2013a. *Observando o familiar*, cap. VI: 68-78. In: Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana. VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. 2013b. *O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia*, cap. VII: 79-85. In: Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana. VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. 2013c. *Trajetória individual e campo de possibilidades*, cap. X: 124-138. In: Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana. VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. 2013d. *Biografia, trajetória e mediação*, cap. XI: 139-147. In: Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana. VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar.